



Sinopse Econômica

AP/DEPEC/GESTE 3 - Tel: (021) 277-7369 e Fax: (021) 220-1397

Endereço na Internet - <http://www.bnades.gov.br/sinopse/sineco.htm>

Equipe Técnica: Ana Cláudia Além

Apoio: Rafael da Costa Nogueira

Janeiro 2001 nº96

Fechamento da Edição: 01/02/01

♦1. Política Econômica

Perspectivas para as contas externas no Brasil

O déficit em transações correntes fechou o ano de 2000 em 4,20% do PIB, abaixo dos 4,73% do PIB registrados em 1999. Esta melhora decorreu, principalmente da performance da balança comercial que registrou um déficit de US\$ 697 milhões em 2000, ante o resultado negativo de US\$ 1,3 bilhão do ano anterior - ver Tabela 1.1. Este déficit foi totalmente financiado pelos fluxos de investimento externo direto (IED) que atingiram US\$ 31 bilhões em 2000. O total de ingressos de IED no Brasil em 2000 representou um novo recorde, superando o expressivo número de 1999. No ranking mundial, em 1999, o Brasil já havia ficado em sétimo lugar dentre os maiores receptores de IED - ver Sinopse Econômica 93. Como já ocorrido em anos anteriores, novamente, em 2000, a maior parte dos fluxos de IED dirigiu-se para o setor de serviços, com destaque para comunicações - ver tabela 1.3. Em 2000, Espanha, Estados Unidos e Portugal lideraram os investimentos externos diretos no Brasil, com participações de 21,3%, 20,6% e 10,6%, respectivamente, no total investido.

Para o ano de 2001, o Banco Central está projetando um déficit em transações correntes de US\$ 26 bilhões - ver Tabela 1.1, novamente. Esta piora decorreria da deterioração da conta de serviços, pressionada pelo aumento das despesas com os juros sobre a dívida externa e das remessas de lucros e dividendos.

O Banco Central projeta um superávit comercial de US\$ 1 bilhão, um número mais otimista do que o apontado pelo mercado cuja média das projeções aponta para um déficit de cerca de US\$ 400 milhões em 2001 - ver Anexo Estatístico. Para uma melhora do resultado comercial em 2001, deverão contribuir os seguintes fatores: i) a "aterrissagem" suave da economia dos EUA; ii) a recuperação da economia argentina; iii) a tendência à valorização do euro frente ao dólar; iv) a recuperação dos preços das commodities; v) a tendência de queda do preço internacional do petróleo; vi) o otimismo quanto à continuidade do bom desempenho da economia brasileira que conjuntamente com o movimento de redução das taxas de juros levem a um aumento generalizado dos investimentos na economia, inclusive dos setores exportadores; e vii) novas medidas de apoio às exportações - neste sentido, a inclusão do aumento das exportações como uma das prioridades do planejamento estratégico do BNDES para os próximos anos e a recente iniciativa de ampliação dos poderes da Camex são fatos importantes.

Como fator negativo, entretanto, permanece a forte dependência da importação de insumos que pode representar uma pressão expressiva sobre as importações, tendo em vista a perspectiva de continuidade de crescimento da atividade econômica em 2001. Em razão disto, tem crescido também a preocupação do governo no sentido de redução das importações, mediante o aumento do índice de nacionalização de componentes e equipamentos. O principal objetivo é exportar cada vez mais sem, entretanto, gerar déficits comerciais significativos, como vem ocorrendo nos setores de eletroeletrônicos, por exemplo.

Segundo as projeções do Banco Central em 2001, novamente, os fluxos de IED serão importantes para o financiamento do déficit em transações correntes. Entretanto, projeta-se um montante de ingressos de US\$ 24 bilhões, abaixo do número registrado em 2000. E de esperar que ainda por algum tempo o país continue recebendo montantes expressivos de IED, mesmo com o fim dos processos de privatização. O potencial do mercado doméstico brasileiro somado ao aumento da credibilidade na economia do país por parte dos investidores estrangeiros e o movimento de queda dos juros dos EUA trabalham neste sentido. Entretanto, é importante fazer algumas ressalvas. Em primeiro lugar, as novas oportunidades de investimento, ainda que sejam muitas, não são infinitas. Em algum momento, poderá haver um ponto de saturação dos investimentos. Em segundo lugar, a tendência é de que os IED continuem indo em sua maioria para o setor de serviços, produtor de bens não comercializáveis. Ou seja, neste sentido, os IED não estariam criando automaticamente as bases para um au-

TABELA 1.1
USOS E FONTES DE RECURSOS EXTERNOS
EM US\$ BILHÕES

Discriminação	1999	2000	2001(1)
Usos	-70,0	-52,8	-53,7
Transações correntes	-25,1	-24,6	-26,0
Saldo comercial	-1,3	-0,7	1,0
Exportações	48,0	55,1	60,5
Importações	49,3	55,8	59,5
Serviços	-25,8	-25,7	-29,5
Juros (líq.)	-15,2	-15,1	-16,6
Receita	2,2	2,5	2,1
Despesa	17,5	17,5	18,7
Lucros e dividendos	-4,1	-3,6	-5,0
Viagens internacionais	-1,5	-2,1	-2,4
Demais	-5,0	-4,9	-5,5
Transferências unilaterais	2,0	1,8	2,5
Amortizações	-44,9	-28,2	-27,7
Empréstimos	-24,3	-13,6	-17,9
Financiamentos	-20,6	-14,5	-9,9
Fontes	70,0	52,8	53,7
Investimentos diretos	30,0	30,6	24,0
Privatizações	8,8	7,1	4,0
Demais	21,2	23,5	20,0
Investimentos em carteira	1,4	2,7	1,5
Financiamentos de importação	16,7	11,7	9,5
Empréstimos de longo prazo	25,3	25,1	25,1
Capitais de curto prazo (líquido)	-8,5	-6,4	-3,2
Linhas de crédito	1,0	-2,3	0,1
Empréstimos a residentes	0,4	2,4	0,8
Operações com instituições no exterior	-10,3	-7,2	-4,8
Outros	0,4	0,8	0,7
Demais	-2,7	-13,2	-2,2
Variação de haveres (-aumento)	7,8	2,3	-1,0

Fonte: Banco Central.

Notas: (1) Projeção.

TABELA 1.2
IED NO BRASIL: DISTRIBUIÇÃO POR SETORES
(%)

Sectores	1999	2000
Agricultura, pecuária e ext. min.	2	3
Indústria	41	24
Alimentar	4	3
Automóvel e carga	6	2
Material elétrico	8	3
Mecânica	0	3
Minerais metálicos	1	1
Minerais não-metálicos	2	0
Pecas indústria automotiva	6	3
Produtos animais - laticínios	2	1
Química e farmacêutica	10	5
Outras indústrias	3	2
Serviços	57	73
Comércio - instituições financeiras	8	13
Comércio	10	7
Comunicações	15	34
Comunicações	0	1
Independentes	12	4
Internet	7	8
Util. pública - energia elétrica e gás	6	2
Outros serviços	6	2
Total	100	100

Fonte: Banco Central.

mento futuro das exportações. Vale ressaltar, entretanto, que o aumento dos investimentos na infra-estrutura deverá levar à redução do "custo Brasil", o que poderá contribuir para o aumento da competitividade das exportações brasileiras nos próximos anos. Finalmente, apesar de os IED virem sendo importantes para o financiamento do déficit em transações correntes, acabam implicando pressões futuras sobre o próprio saldo em conta corrente na forma das "remessas de lucros e dividendos" - como já demonstra o aumento projetado desta rubrica em 2001, contra 2000. Conclusão: os IED sempre serão bem-vindos, mas é essencial que a médio e longo prazo os esforços conjuntos de ampliação das exportações e substituição de importações sejam capazes de ampliar o nosso saldo comercial, de forma a nos tornarmos menos vulneráveis às flutuações internacionais; podendo "driblar" a restrição externa ao crescimento de uma forma menos dependente do exterior.

ÍNDICE

♦2 - Nível de Atividade:
A taxa de desemprego cai
para 4,8% em
dezembro.....2

♦3 - Inflação:
O resultado dos últimos índices.....3

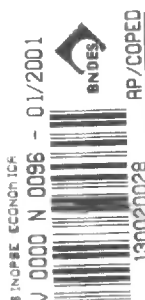
♦4 - Finanças Públicas:
As NFSP no ano 20004

♦5 - Mercado Financeiro:
A Taxa SELIC cai para
15,25% ao ano..... 5

♦6 - Setor Externo:
Os índices de preço e de
quantum em 2000.....6

♦7 - Operações do
BNDES e da
FINAME.....7

♦8 - Anexo Estatístico.....9



◆2 - Nível de Atividade

O desempenho recente do nível de atividade

Os últimos dados disponíveis apontam para a continuidade de crescimento do nível de atividade.

Segundo o IBGE, a produção física industrial apresentou um crescimento de 4,8% em novembro, ante igual mês do ano anterior - ver Gráfico 2.1. No ano, o indicador acumulou uma variação positiva de 6,4%, ante o período janeiro/novembro de 1999.

Segundo a CNI, as vendas reais da indústria apresentaram uma expansão de 11,4% em novembro, contra o mesmo mês do ano anterior. No ano, o indicador acumulou um crescimento de 10,7%, em relação a janeiro/novembro de 1999. O nível de utilização da capacidade dessazonalizado foi de 81% em novembro, contra os 80% de igual mês do ano anterior.

Conforme a FIESP, o INA registrou um crescimento de 6,1% em novembro, em comparação ao mesmo mês de 1999. O indicador ficou relativamente estável em comparação com outubro - ver Gráfico 2.1. Em dezembro, o INA registrou um crescimento de 5,9%, ante o mesmo mês de 1999. Com este resultado, o indicador fechou 2000 com um crescimento acumulado de 6,5%, em comparação a 1999.

Na análise da indústria por categorias de uso do IBGE, continuam destacando-se os desempenhos da produção física industrial de bens de consumo duráveis e de bens de capital, com crescimento de 17,8% e 13,9%, respectivamente, em novembro, contra novembro de 1999 - ver Gráfico 2.2. Estas categorias de uso acumulam no ano taxas de crescimento de 19,0% e 13,0%, respectivamente, ante um crescimento acumulado de 6,4% registrado pela média da indústria.

A produção de autoveículos

Segundo a Anfavea houve um crescimento da produção de autoveículos de 23,16% em 2000, ante 1999 - ver Gráfico 2.3.

A taxa de desemprego cai para 4,8% em dezembro

Em dezembro, a taxa de desemprego aberto do IBGE foi de 4,8%, contra os 6,3% de igual mês de 1999 - ver Gráfico 2.4. Desde junho deste ano, a taxa de desemprego vem apresentando mensalmente valores inferiores aos registrados em iguais meses de 1999.

No ano de 2000, a taxa média de de-

semprego ficou em 7,14%, abaixo dos 7,56% registrados no ano de 1999. Isto demonstra que a retomada do crescimento do nível de atividade começou, finalmente, a impactar de forma mais significativa o mercado de trabalho.

GRÁFICO 2.1
INDICADORES DO NÍVEL DE ATIVIDADE
COM AJUSTE SAZONAL - JAN 98=100

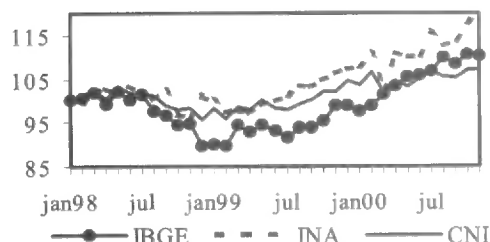


GRÁFICO 2.2
PRODUÇÃO FÍSICA INDUSTRIAL IBGE
COM AJUSTE SAZONAL - JAN98=100

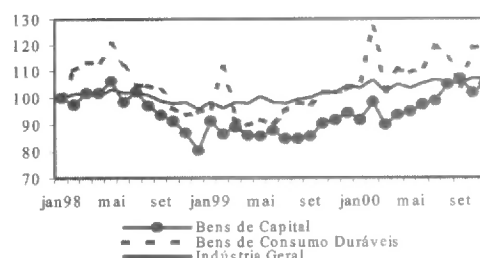


GRÁFICO 2.3
PRODUÇÃO DE AUTOVEÍCULOS - ANFAVEA
(EM MIL UNIDADES)

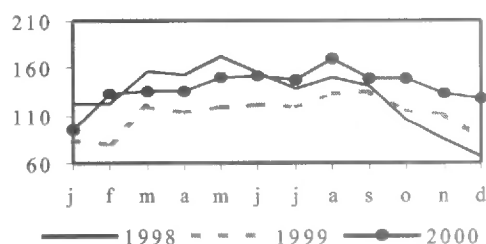
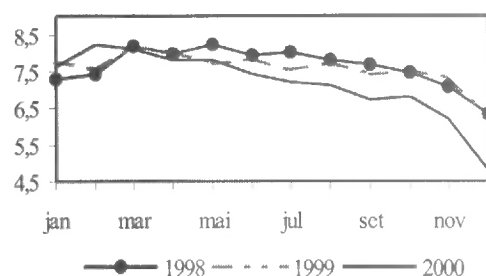


GRÁFICO 2.4
TAXA DE DESEMPREGO ABERTO - IBGE (%)



◆3 - Inflação

O resultado dos últimos índices

O IPCA e o IGP-DI registraram taxas de inflação de 0,59% e 0,76%, respectivamente em dezembro ante os 0,32% e 0,39% registrados no mês anterior – Ver Tabela 3.1. O IPC-FIPE apresentou uma inflação de 0,26% no mês de dezembro. A inflação média – calculada a partir dos três índices citados anteriormente – ficou em 0,54% em dezembro, ante o 0,22% registrado em novembro. Com estes resultados, a inflação média acumulada em 12 meses caiu de 6,97% em novembro para 6,71% em dezembro – ver Gráfico 3.1.

O núcleo da inflação, por sua vez, apresentou uma estabilidade na taxa acumulada em 12 meses, que ficou em 3,94% até dezembro – ver Tabela e Gráfico 3.2.

O IPC-FIPE

O Índice de Preços ao Consumidor, divulgado pela FIPE, registrou, na terceira quadrissemana de janeiro, uma inflação de 0,39%, frente a inflação de 0,26% registrada no mês anterior. O destaque de alta ficou com o item educação cujo aumento de preço atingiu 3,06%, refletindo o reajuste das mensalidades escolares e do material didático. O item alimentação que vinha apresentando deflações contínuas desde outubro, apresentou uma inflação de 0,45% na terceira quadrissemana de janeiro, em razão da pressão de alta dos alimentos *in natura*. Os transportes registraram

TABELA 3.1
INFLAÇÃO MENSAL (%)

Mês	Índices de preços			
	IGP-DI	IPCA	FIPE	Média
Jan/99	1,15	0,70	0,50	0,78
fev	4,44	1,05	1,41	2,30
mar	1,98	1,10	0,56	1,21
abr	0,03	0,56	0,47	0,35
mai	-0,34	0,30	-0,37	-0,14
jun	1,02	0,19	-0,08	0,38
jul	1,59	1,09	1,09	1,26
ago	1,45	0,56	0,74	0,92
set	1,47	0,31	0,91	0,90
out	1,89	1,19	1,13	1,40
nov	2,53	0,95	1,48	1,65
dez	1,23	0,60	0,49	0,77
Jan/00	1,02	0,62	0,57	0,74
fev	0,19	0,13	-0,23	0,03
mar	0,18	0,22	0,23	0,21
abr	0,13	0,42	0,09	0,21
mai	0,67	0,01	0,03	0,24
jun	0,93	0,23	0,18	0,45
jul	2,26	1,61	1,40	1,76
ago	1,82	1,31	1,55	1,56
set	0,69	0,23	0,27	0,40
out	0,37	0,14	0,01	0,17
nov	0,39	0,32	-0,05	0,22
dez	0,76	0,59	0,26	0,54

GRÁFICO 3.1
INFLAÇÃO
TAXA ACUMULADA EM 12 MESES (%)

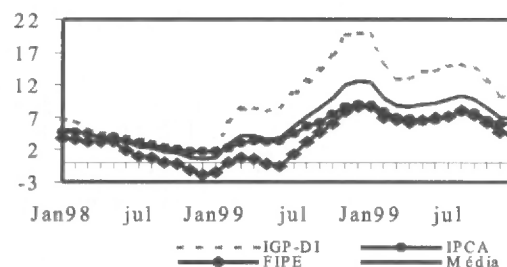


GRÁFICO 3.2
NÚCLEO DE INFLAÇÃO (%)
TAXA ACUMULADA EM 12 MESES

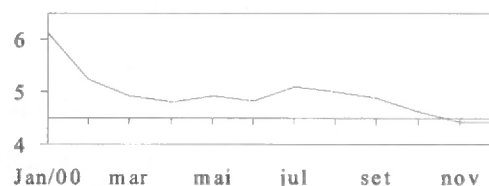


TABELA 3.2
NÚCLEO DE INFLAÇÃO (%)

	IPC/FGV		Core	
	Mês	12 meses	Mês	12 meses
Jan/00	1,01	9,52	0,45	5,62
fev	0,05	8,04	0,17	4,73
mar	0,51	7,57	0,24	4,42
abr	0,25	7,28	0,26	4,31
mai	0,40	7,63	0,39	4,44
jun	-0,01	6,92	0,16	4,33
jul	1,91	7,67	0,74	4,60
ago	0,86	8,08	0,27	4,49
set	0,04	7,92	0,13	4,39
out	0,02	6,95	0,21	4,12
nov	0,40	6,19	0,35	3,94
dez	0,62	6,21	0,50	3,94

uma considerável desaceleração dos seus reajustes, com uma taxa de variação positiva de 0,62%, frente a 1,81% do fechamento do mês dezembro. Este resultado decorreu da desaceleração do preço da gasolina. Para o fechamento do mês de janeiro, a FIPE espera uma inflação de 0,5%. A projeção para o ano de 2001 é de uma inflação acumulada de cerca de 3,5%.

O IGP-M

Em janeiro, o IGP-M, registrou uma taxa de variação de 0,62%, próxima do 0,63% de dezembro. O IPA-M, o IPC-M e o INCC-M registraram, em janeiro, respectivamente, taxas de inflação de 0,66%, 0,62% e 0,40%. Segunda a média de projeções do mercado, o IGP-M deverá fechar o ano de 2001 registrando uma inflação em torno de 5% - ver Anexo Estatístico.

◆4 - Finanças Públicas

As NFSP no ano 2000

O déficit público nominal em 2000 – excluindo o efeito da variação cambial – foi de 3,63% do PIB, significativamente abaixo dos 5,75% do PIB de 1999 – ver Tabela 4.1.

O total de despesas com o pagamento dos juros nominais sobre a dívida pública atingiu 7,19% do PIB em 2000, contra os 8,98% do PIB em 1999.

Em relação ao resultado primário, houve um superávit de 3,56% do PIB no período, ante um superávit de 3,23% do PIB em 1999. Este resultado representou o montante de R\$ 38,2 bilhões, valor superior em R\$ 1,4 bilhão à meta estabelecida com o FMI para o ano de 2000. Vale ressaltar o aumento do superávit primário dos governos regionais, que de 0,22% do PIB em 1999, passou para 0,71% do PIB em 2000. Esta melhora decorreu, principalmente, da recuperação do resultado primário dos estados.

As receitas federais no ano 2000

Segundo a Secretaria da Receita Federal, a arrecadação federal apresentou um crescimento real de 3,41% em dezembro de 2000, ante o mesmo mês de 1999 – ver Tabela 4.2. Em 2000, a arrecadação apresentou um crescimento real de 2,21%, em comparação com 1999.

A arrecadação do ICMS

O movimento de recuperação do nível de atividade observado ao longo do ano 2000, refletiu-se em um aumento real expressivo da arrecadação do ICMS. Em nível nacional, houve um crescimento acumulado em 2000 até o mês de novembro de 6,3%, contra igual período de 1999 – ver Tabela 4.3. Apenas em novembro, houve um crescimento real da arrecadação de 13,6%, ante igual mês do ano anterior. Os Estados do Espírito Santo (9,02%), Pernambuco (8,87%), Bahia (8,77%) e Paraná

TABELA 4.1
NECESSIDADES DE FINANCIAMENTO DO SETOR PÚBLICO (NFSP)(1) - sem desvalorização cambial
Acumulado no ano (em % do PIB)

	1999	2000
Nominal	5,75	3,63
Governo Central	2,47	1,43
Gov. Fed. e Bacen	2,69	2,27
Empresas Estatais Federais	-0,37	-0,84
Governos Regionais	3,43	2,20
Governos Estaduais	2,66	1,83
Governos Municipais	0,45	0,27
Empresas Estatais Estaduais	0,28	0,09
Empresas Estatais Municipais	0,04	0,01
Juros Nominais	8,98	7,19
Governo Central	5,33	4,27
Gov. Fed. e Bacen	5,06	4,20
Empresas Estatais Federais	0,27	0,08
Governos Regionais	3,65	2,91
Governos Estaduais	2,82	2,26
Governos Municipais	0,52	0,41
Empresas Estatais Estaduais	0,29	0,23
Empresas Estatais Municipais	0,02	0,02
Primário	-3,23	-3,56
Governo Central	-3,01	-2,85
Gov. Fed. e Bacen	-3,33	-2,84
INSS	0,96	0,92
Empresas Estatais Federais	-0,64	-0,92
Governos Regionais	-0,22	-0,71
Governos Estaduais	-0,16	-0,43
Governos Municipais	-0,07	-0,14
Empresas Estatais Estaduais	-0,02	-0,14
Empresas Estatais Municipais	0,02	0,00

Fonte: Banco Central do Brasil.

Nota: (1) (-) = superávit

(7,94%) foram os que apresentaram as maiores taxas de crescimento real da arrecadação.

Títulos Públicos Federais

A observação dos títulos federais classificados por indexador aponta para o aumento da participação dos títulos públicos pré-fixados no total no ano de 2000, ante 1999. Esta participação passou de 9% em média no ano de 1999, para 15% em 2000 – ver Tabela 4.4. Os títulos indexados à taxa over/SELIC continuaram apresentando a maior participação, que atingiu 52% do total em 2000.

A dívida líquida do setor público

A dívida líquida do setor público – excluindo base monetária fechou o ano 2000 em 45,3% do PIB, um valor ligeiramente superior ao resultado de 1999 – ver Tabela 4.5.

ARRECADAÇÃO DAS RECEITAS FEDERAIS
a preços de dezembro de 2000

Ano	Arrecadação (R\$ milhões)			Variação (%)		
	Nov	Dez	Jan-dez	Dez00/Nov00	Dez00/Dez99	Jan-Dez00/Jan-Dez99
1999	14481	16461	179776	-	-	-
2000	15316	17022	183744	11,14	3,41	2,21

Fonte: Secretaria da Receita Federal.

TABELA 4.3
ARRECADAÇÃO DO ICMS - BRASIL
Variação real (%)

Período	Mês/Mês	Acum. ano
Janeiro 00	3,8	3,8
Fevereiro	6,4	5,0
Março	6,1	5,4
Abril	4,0	5,0
Maior	6,6	5,3
Junho	7,1	5,6
Julho	5,6	5,6
Agosto	6,2	5,7
Setembro	4,8	5,6
Outubro	5,2	5,5
Novembro	13,6	6,3

Fonte: Banco Central.

TABELA 4.4
TÍTULOS PÚBLICOS FEDERAIS
PARTICIPAÇÃO POR INDEXADOR (%)

Indexadores	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000
Câmbio	8,3	5,3	9,4	15,4	21,0	24,2	21,7
SELIC	16,0	37,8	18,6	34,8	69,1	61,1	52,4
Prefixados	40,2	42,7	61,0	40,9	3,5	9,2	15,3
IGP/IGP-M	12,5	5,3	1,8	0,3	0,4	2,4	5,9
Outros	23,0	8,9	9,2	8,6	6,0	3,1	4,7
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Banco Central.

TABELA 4.5
DÍVIDA LÍQUIDA DO SETOR PÚBLICO - FIM DE PERÍODO (% PIB) (1)

Composição	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000
Dívida interna	17,6	21,8	27,0	26,4	32,5	34,6	35,5
Governo Central	3,0	6,6	12,0	13,1	17,2	17,9	19,3
Gov. estaduais e municipais	9,5	10,3	11,1	12,4	14,0	15,5	15,3
Empresas estatais	5,1	4,9	3,9	0,9	1,3	1,2	0,9
Dívida externa	8,4	5,5	3,9	4,3	6,4	10,4	9,8
Governo Central	6,2	3,5	1,6	1,9	4,3	8,0	7,5
Gov. estaduais e municipais	0,3	0,3	0,4	0,5	0,7	0,9	0,9
Empresas estatais	1,9	1,7	1,9	1,9	1,4	1,5	1,4
Dívida total	26,0	27,3	30,9	30,7	38,9	45,0	45,3
Governo Central	9,2	10,1	13,6	15,0	21,5	25,9	26,8
Gov. estaduais e municipais	9,8	10,6	11,5	12,9	14,7	16,4	16,2
Estados	n.d.	n.d.	n.d.	11,1	12,7	14,2	14,1
Municípios	n.d.	n.d.	n.d.	1,8	2,0	2,2	2,1
Empresas estatais	7,0	6,6	5,8	2,8	2,7	2,7	2,3
Federais	n.d.	n.d.	2,5	1,0	0,5	0,3	-0,3
Estaduais	n.d.	n.d.	3,2	1,7	2,1	2,2	2,4
Municipais	n.d.	n.d.	0,1	0,1	0,1	0,2	0,2
Base monetária	3,6	3,1	2,4	3,6	4,4	4,6	4,2
Dívida total com base monetária	29,6	30,4	33,3	34,3	43,3	49,4	49,5

Fonte: Banco Central

Nota: (1) Exclui base monetária.

◆5 - Mercado Financeiro

A Taxa SELIC cai para 15,25% ao ano

Na última reunião do Copom – realizada ao longo dos dias 16 e 17 de janeiro –, o Banco Central decidiu reduzir a taxa Selic de 15,75% para 15,25% ao ano.

Por um lado, esta decisão tomou como base o desempenho favorável da economia brasileira, marcado pela retomada do crescimento econômico – sem pressão sobre os preços – e o bom desempenho fiscal. A taxa de inflação medida pelo IPCA – índice oficial – fechou o ano em 5,97%, 3 pontos percentuais abaixo da registrado em 1999. Esta queda ocorreu apesar do impacto negativo do reajuste dos preços administrados e da desvalorização do real. Na verdade, a estabilidade das expectativas de inflação ao longo do ano demonstrou a capacidade que a economia brasileira teve para absorver choques de custos, sem que isto implicasse em impactos expressivos sobre a evolução dos preços. As perspectivas para a inflação em 2001, são ainda mais favoráveis. O governo espera atingir sem problemas a meta de 4% tendo em vista os seguintes fatores: i) queda do preço internacional do petróleo; ii) um aumento de cerca de 6% para os preços administrados – cerca da metade do registrado em 2000; e iii) o aumento da safra agrícola.

Por outro, refletiu um maior otimismo em relação à evolução do ambiente externo. Em primeiro lugar, os preços do petróleo começaram a cair significativamente tanto nos mercados à vista quanto no futuro – ver Gráfico 5.2. Em segundo lugar, o FED dos EUA tem mostrado uma preocupação quanto à desaceleração do crescimento da economia daquele país, promovendo a redução das taxas de juros. De fato, a taxa de juros dos EUA já caiu de 6,5% para 6,0% ao ano em 03/01/01, e para 5,5% ao ano em 31/01/01 – ver Gráfico 5.3. O Banco Central do Brasil espera que a taxa volte a cair pelo menos mais 0,5 ponto percentual, estabilizando-se em 5,0% ao ano. Finalmente, o recente “pacote” de ajuda à Argentina – negociado com bancos e organismos internacionais – melhorou o perfil de financiamento daquele país, criando bases para uma possível recuperação do crescimento no próximo ano.

No mercado futuro, as taxa de juros DI, anualizadas, projetadas para fevereiro, março e abril de 2001 fecharam, em 31/01, em 15,06%, 14,97% e 14,95%, respectivamente.

A evolução do spread de risco

O *spread* médio de risco soberano do Brasil (*Par bond*) – pontos básicos sobre o bônus do Tesouro dos EUA de características semelhantes – em janeiro (dados até 25 de janeiro) foi de 875, expressivamente abaixo dos 959 de dezembro – ver Gráfico 5.4. E de esperar que tendo em vista os bons resultados da economia brasileira e a melhora do cenário externo, o *spread* possa continuar a cair nos próximos meses.

O Mercado de Câmbio

No dia 31/01, a cotação da Ptax (venda) foi de R\$ 1,9711, superior ao R\$ 1,9554 registrado no final do mês de dezembro – ver Gráfico 5.5.

Os contratos de US\$ futuro com fechamento em primeiro de março e abril tinham, em 30/12, uma cotação de R\$ 1,9809 e R\$ 1,9934 respectivamente.

GRÁFICO 5.1
TAXA SELIC (%)

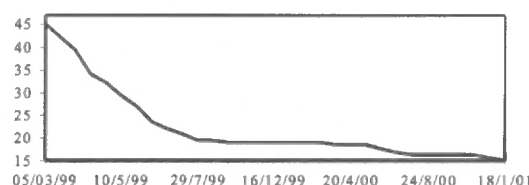


GRÁFICO 5.2
PREÇO DA CESTA DE PETRÓLEO

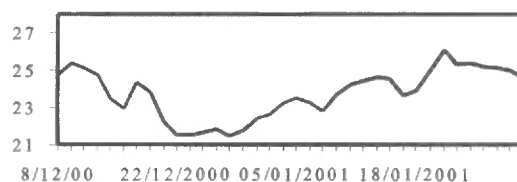


GRÁFICO 5.3
TAXA BÁSICA DE JUROS - FED - EUA (%)

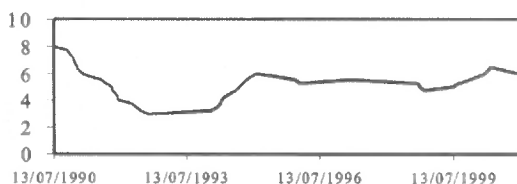


GRÁFICO 5.4
SPREAD DE RISCO SOBERANO

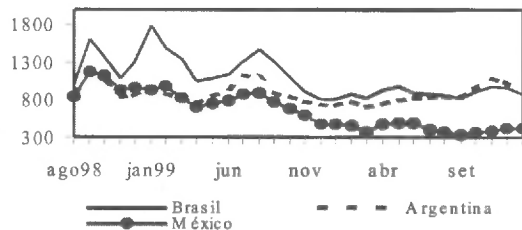
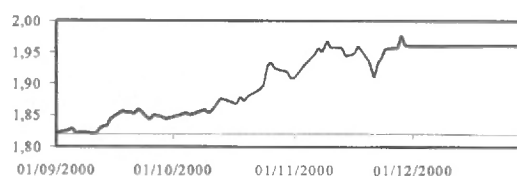


GRÁFICO 5.5
Ptax VENDA



◆6 - Setor Externo

A Balança Comercial em janeiro de 2001

Na quarta semana de janeiro, a balança comercial registrou um déficit de US\$ 145 milhões, com exportações de US\$ 1,034 bilhão e importações de US\$ 1,179 bilhão. No início do ano de 2001, o déficit acumulado até a quarta semana de janeiro é de US\$ 544 milhões.

A balança comercial desagregada de 2000

A Balança Comercial brasileira, em 2000, registrou um déficit de US\$ 697 milhões, o que correspondeu a um resultado das exportações e das importações de US\$ 55,086 bilhões e US\$ 55,783 bilhões, respectivamente.

As exportações registraram um crescimento de 14,7% em 2000, ante 1999 – ver Gráfico 6.1. O destaque de crescimento ficou com as vendas externas de produtos manufaturados, com um aumento de 19,0% no período – ver Tabela 6.1. As importações, por sua vez, apresentaram um crescimento acumulado no ano de 13,2%, com destaque para as compras externas de combustíveis e lubrificantes, e matérias-primas e bens intermediários – ver Gráfico 6.1 e Tabela 6.2

A evolução dos índices de preço e de quantum em 2000

Segundo a FUNCEX, o *quantum* exportado total cresceu 11% em 2000, ante 1999 – ver Tabela 6.3. O maior crescimento acumulado do *quantum* exportado coube aos bens manufaturados, com crescimento de 17,1% em 2000, ante 1999. O pior desempenho ficou com os produtos semimanufaturados que registraram uma queda de 6,9% do *quantum* exportado em 2000. Em relação à evolução dos preços de exportação, houve um crescimento de 3,3% em 2000, ante 1999. A maior recuperação dos preços coube aos produtos semimanufaturados, com uma variação positiva acumulada de 14,4% em 2000. Os produtos básicos, entretanto, continuando apresentando um desempenho sofrível, com queda de 2,1% de seus preços em 2000.

Em relação às importações, o *quantum* acumulou um 2000 um crescimento de 13,0%, contra 1999 – ver Tabela 6.4. O destaque de crescimento ficou com os produtos intermediários, o que confirmou a dependência da produção industrial brasileira de peças e componentes importados. Em relação aos preços de importação, o destaque de crescimento em 2000 coube aos combustíveis, o que refletiu o aumento do preço internacional do petróleo.

GRÁFICO 6.1
VARIAÇÃO DO ACUMULADO NO ANO(%)

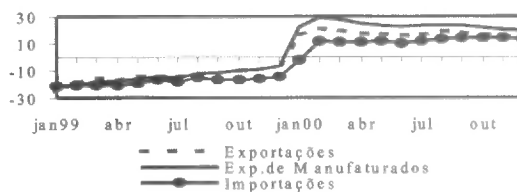


TABELA 6.1
EXPORTAÇÕES POR TIPO DE PRODUTO
US\$ MILHÕES FOB

Itens	Jan-Dez		Var. %
	2000	1999	
Básicos	12.563	11.828	6,2
Industrializados	41.028	35.311	16,2
Semimanufaturados	8.499	7.982	6,5
Manufaturados	32.529	27.329	19,0
Ops. Especiais	1.496	871	71,8
Total	55.087	48.010	14,7

Fonte: Secex.

TABELA 6.2
IMPORTAÇÕES POR CATEGORIA DE USO
US\$ MILHÕES FOB

Itens	Jan-Dez		Var. %
	2000	1999	
Matérias primas e bens intermediários	28.524	24.101	18,4
Combustíveis e lubrificantes	6.362	4.258	49,4
Bens de capital	13.590	13.568	0,2
Bens de consumo	7.307	7.345	-0,5
Não-duráveis	3.932	4.174	-5,8
Duráveis	3.375	3.171	6,4
Automóveis	1.332	1.313	1,4
Outros duráveis	2.043	1.858	10,0
Total	55.783	49.272	13,2

Fonte: Receita Federal.

TABELA 6.3
ÍNDICES DE PREÇO E QUANTUM
DAS EXPORTAÇÕES (1996=100)

	Total		Básicos		Semimanufat.		Manufat.	
	Preço	Quantum	Preço	Quantum	Preço	Quantum	Preço	Quantum
jan00	83,4	104,1	75,2	95,1	83,9	108,6	86,5	106,6
fev	83,3	124,5	75,8	93,9	86,8	120,2	85,1	137,5
mar	84,2	133,7	75,0	118,8	86,9	111,8	86,9	147,8
abr	83,4	126,1	75,4	145,0	84,8	99,1	86,0	127,8
mai	84,8	150,2	75,6	177,3	87,8	108,8	88,3	141,5
jun	84,2	145,3	75,4	167,4	88,5	105,4	86,5	147,9
jul	85,7	146,9	76,4	170,3	90,2	115,7	88,2	147,7
ago	86,9	159,8	73,6	192,7	88,8	124,5	92,4	149,6
set	85,9	138,3	72,7	138,6	89,7	111,5	90,4	146,7
out	84,1	138,8	73,0	146,1	90,0	107,5	86,9	146,8
nov	83,9	131,6	73,6	140,9	87,0	117,5	86,6	133,2
dez	85,4	137,2	72,7	113,8	87,6	120,3	89,3	151,4
média	84,6	136,4	74,5	141,7	87,7	112,6	87,8	140,4
dez00/dez99	4,4	-4,1	-4,1	-10,0	11,3	-21,5	4,8	3,2
Acum. no ano	3,3	11,0	-2,1	8,5	14,4	-6,9	1,7	17,1

Fonte: FUNCEX.

TABELA 6.4
ÍNDICES DE PREÇO E QUANTUM
DAS IMPORTAÇÕES (1996=100)

	Total		Bens de Capital		Intermediários		Combustíveis	
	Preço	Quantum	Preço	Quantum	Preço	Quantum	Preço	Quantum
jan00	101,9	78,9	95,8	76,2	96,4	96,6	139,0	52,4
fev	99,3	91,8	90,0	97,5	93,9	109,7	149,5	61,7
mar	100,7	99,5	88,1	94,2	94,0	120,5	162,1	69,9
abr	101,3	88,8	89,6	94,9	94,4	106,3	160,9	60,0
mai	100,6	105,2	95,8	94,5	93,4	128,5	143,5	86,7
jun	101,8	101,9	95,0	94,1	93,0	125,8	156,7	82,2
jul	101,9	108,0	97,7	99,3	92,5	134,9	161,6	72,9
ago	99,7	122,5	88,2	117,4	91,3	148,3	162,9	94,6
set	101,4	112,1	95,8	105,7	91,7	136,8	170,3	72,2
out	104,7	111,1	99,4	98,2	94,2	136,2	183,2	82,6
nov	101,9	111,0	94,0	104,5	92,2	133,8	182,3	75,5
dez	103,4	106,2	96,6	126,3	93,7	119,6	179	67,8
média	101,6	103,1	93,8	100,2	93,4	124,8	162,6	73,2
dez00/	1,3	8,9	-1,5	13,6	-4,3	16,3	32,3	-12,6
Acum.	0,3	13,0	-7,1	3,1	-6,4	24,5	73,4	-8,4

Fonte: FUNCEX.

◆7 - Operações do BNDES e FINAME

A evolução das operações

O valor dos desembolsos de recursos do BNDES registrou um crescimento real acumulado de 12% em 2000, ante 1999 - ver Gráficos da página seguinte. Um resultado extremamente favorável em relação ao que se observou no acumulado em 12 meses até junho, que apresentou uma queda de 12%. Os desembolsos da FINAME, por sua vez, registraram uma expansão real de 73%, no período.

O valor das aprovações do BNDES aumentou 25% em termos reais em 2000, contra 1999. O valor das aprovações da FINAME, por sua vez, apresentou uma expansão real de 39% no período - ver Gráficos da página seguinte.

O valor das consultas - pedidos de financiamento - do BNDES registrou uma expansão real de 15% em 2000. No que diz respeito à FINAME, o valor das consultas apresentou uma expansão real de 97% no ano passado, um resultado extremamente favorável.

Desembolsos por tipo de operação e empresa do BNDES

Os desembolsos do Sistema BNDES registraram o montante de R\$ 23,8 bilhões em 2000, ante os R\$ 21,2 bilhões registrados em 1999, ambos a preços de dezembro de 2000 - ver Tabela 7.1. A FINAME registrou um crescimento de 35% de seus desembolsos. A BNDESPAR apresentou uma expansão real de 23% de seus desembolsos em 2000, ante 1999. O BNDES, por sua vez, apresentou uma pequena expansão real de cerca de 2% dos desembolsos no período. As liberações para operações indiretas registraram uma expansão real de 8%. As operações diretas, por sua vez, apresentaram uma queda real de 5% de seus desembolsos.

A distribuição setorial dos desembolsos

A evolução dos desembolsos setoriais acumulados no ano a partir de janeiro de 1998 pode ser observada na Tabela 7.2. Em 2000, os destaques foram a agropecuária e o setor de infra-estrutura, com crescimento real de 30% e 15%, respectivamente, de seus desembolsos. A indústria de transformação, por sua vez, apresentou um crescimento real de 10% dos seus desembolsos no período. O setor de serviços apresentou uma expansão real de 9% das liberações em 2000, ante 1999. Em 2000, as liberações para a indústria de transformação mantiveram a maior participação - de 45% - no total desembolsado - ver Tabela 7.3.

TABELA 7.1
DESEMBOLSOS DO SISTEMA BNDES (1)

Itens	Em R\$ milhões		
	2000	1999	Var. %
BNDES	14.076	13.851	1,6
Op. Diretas	6.059	6.405	-5,4
Op. Indiretas	8.017	7.445	7,7
FINAME	7.810	5.790	34,9
BNDESPAR	1.911	1.560	22,5
Total	23.801	21.200	12,3

Fonte: AP/DEPLAN.

Nota: (1) Total acumulado em cada ano, a preços de dezembro de 2000 - deflator IGP-DI.

TABELA 7.2
TX. DE CRESC. REAL ACUMULADA ATÉ O MÊS (1)

Meses	Em %			
	AGROP.	IND. DE TRANSF. E ESTRUTURA	SERVIÇOS	TOTAL
jan98	67,6	42,1	-1,7	23,8
fev	105,3	64,5	91,7	55,3
mar	88,1	100,0	57,6	30,0
abr	41,2	75,5	155,4	45,6
mai	13,8	73,7	146,0	26,1
jun	-8,8	65,5	90,6	27,1
jul	-11,5	32,4	112,1	36,8
ago	-8,0	38,9	86,2	49,4
set	-13,6	40,0	53,7	32,9
out	-12,8	31,0	43,6	36,2
nov	-7,0	29,6	16,0	22,0
dez	-6,2	16,7	-1,8	17,1
jan99	46,4	-13,3	-62,2	24,5
fev	-24,8	11,8	-67,4	-11,2
mar	-18,7	5,6	-30,8	3,2
abr	-12,6	8,2	-58,8	-4,2
mai	-5,4	5,0	-56,6	-2,3
jun	-0,6	10,5	-57,1	-15,4
jul	1,0	8,5	-60,9	-16,7
ago	6,0	0,8	-59,0	-21,4
set	-4,4	-5,2	-58,5	-23,0
out	-6,0	-2,4	-54,9	-22,1
nov	-13,5	-5,1	-47,0	-17,4
dez	-14,4	0,3	-30,0	-17,0
jan00	-2,5	-25,9	71,6	-4,9
fev	2,4	-25,0	20,7	31,8
mar	-14,4	-9,3	-29,0	1,2
abr	-9,1	-15,5	-29,7	11,4
mai	-12,9	-12,8	-12,4	-12,8
jun	8,0	-19,8	-34,5	14,6
jul	10,2	-17,2	26,7	15,7
ago	14,1	-16,9	13,7	17,6
set	20,0	-15,9	7,7	18,2
out	25,0	0,4	0,9	10,8
nov	21,0	10,4	19,7	10,6
dez	29,6	10,0	15,1	8,8

Fonte: AP/DEPLAN.

Nota: (1) Em relação a igual período do ano anterior - deflator IGP-DI.

TABELA 7.3
DESEMB. SETORIAIS DO SISTEMA BNDES (1)

Setores	Em R\$ milhões			
	1999	2000	Var. %	Part% 2000
TOTAL	21200	23802	12,3	100,0
AGROPECUÁRIA	1530	1982	29,6	8,3
IND. DE TRANSFORMAÇÃO	9681	10648	10,0	44,7
METALURGIA	1351	1890	39,9	7,9
MECÂNICA	751	945	25,9	4,0
MATERIAL DE TRANSPORTE	3492	4381	25,5	18,4
CELULOSE E PAPEL	351	331	-5,7	1,4
QUÍMICA P.F.PERF.S. E VELAS	591	435	-26,4	1,8
PROD. ALIMENTARES E BEBIDAS	1757	1262	-28,2	5,3
OUTRAS	1388	1405	1,2	5,9
INFRA-ESTRUTURA	7677	8838	15,1	37,1
SERVIÇOS	1966	2138	8,8	9,0
OUTROS	347	195	-43,9	0,8

Fonte: AP/DEPLAN.

Nota: (1) Total acumulado em cada ano, a preços de dezembro de 2000 - deflator IGP-DI.

◆ Operações do BNDES e FINAME - Variação real (%)

(Acumulado 12 meses até o último mês *vis-à-vis* acumulado 12 meses até o mesmo mês do ano anterior.)

SISTEMA BNDES(1)

GRÁFICO 7.1

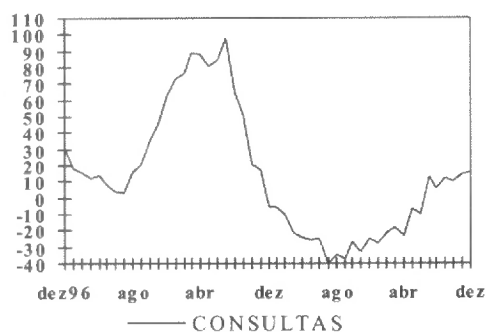


GRÁFICO 7.2

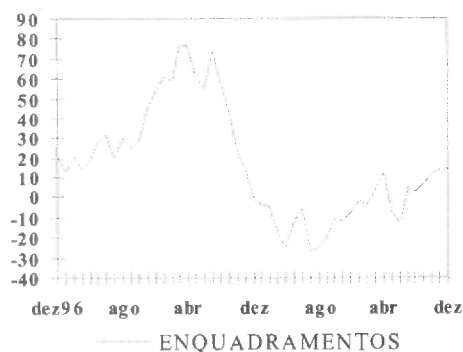


GRÁFICO 7.4

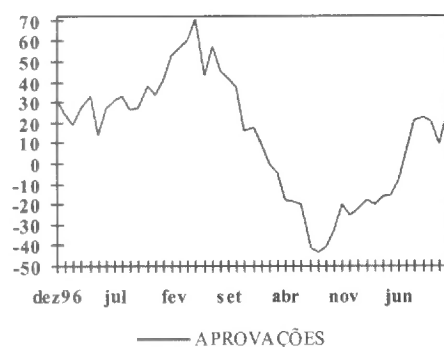
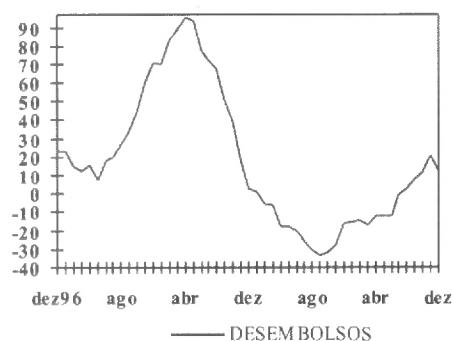


GRÁFICO 7.6



Fonte: AP/DEPLAN/GEPL/COEST.
Elaboração : AP/DEPEC/GESTE 2 e 3.

Notas: (1)) Inclui as operações do BNDES, FINAME e BNDESPAR.
Deflator: IGP-DI.

FINAME

GRÁFICO 7.3

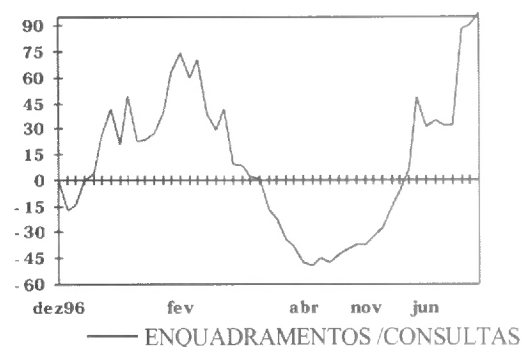


GRÁFICO 7.5

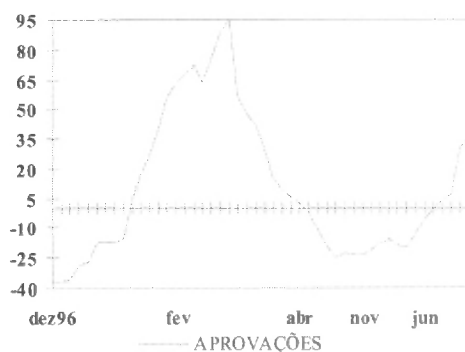
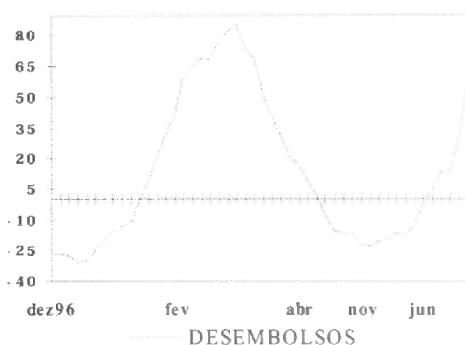


GRÁFICO 7.7



◆8 - Anexo Estatístico

EVOLUÇÃO COMPARATIVA DOS INDICADORES

	IGP-M / FGV			Dólar Comercial (var.%) (1)			UMBNDDES (2)		
	no mês	no ano	12 meses	no mês	no ano	12 meses	no mês	no ano	12 meses
jan/99	0,84	0,84	1,67	64,08	64,08	76,49	58,15	58,15	76,58
fev	3,61	4,48	5,15	4,11	70,82	82,65	5,04	66,12	83,45
mar	2,83	7,44	7,92	-16,6	42,47	51,39	-16,92	38,01	54,69
abr	0,71	8,20	8,54	-3,56	37,40	45,12	-4,19	32,23	46,19
mai	-0,29	7,89	8,08	3,81	42,63	49,84	3,16	36,40	51,22
jun	0,36	8,27	8,06	2,64	46,40	52,94	2,55	39,88	55,37
jul	1,55	9,95	9,92	1,11	48,02	53,78	2,86	43,88	59,28
ago	1,56	11,67	11,81	7,08	58,50	62,77	7,75	55,04	67,91
set	1,45	13,29	13,52	0,33	59,02	62,11	1,13	56,79	65,71
out	1,70	15,21	15,36	1,60	61,57	63,66	1,65	59,38	61,75
nov	2,39	17,97	18,50	-1,55	59,06	60,05	-2,22	55,84	60,06
dez	1,81	20,10	20,10	-6,95	48,01	48,01	-7,07	44,82	44,82
jan/00	1,24	1,24	20,58	0,75	0,75	-9,12	-0,62	-0,62	-9,00
fev	0,35	1,59	16,78	-1,88	-1,14	-14,35	-2,53	-3,13	-15,55
mar	0,15	1,75	13,74	-1,20	-2,33	1,47	-0,28	-3,41	1,36
abr	0,23	1,98	13,20	3,40	0,99	8,79	1,51	-1,95	7,39
mai	0,31	2,30	13,88	1,10	2,10	5,95	1,61	-0,37	5,78
jun	0,85	3,17	14,44	-1,46	0,61	1,72	-0,86	-1,23	2,26
jul	1,57	4,79	14,46	-1,40	-0,80	-0,81	-2,42	-3,62	-2,99
ago	2,39	7,29	15,39	2,74	1,92	-4,83	2,50	-1,21	-7,72
set	1,16	8,54	15,06	1,11	3,05	-4,09	0,75	-0,47	-8,07
out	0,38	8,95	13,57	3,54	6,70	-2,25	2,90	2,41	-6,95
nov	0,29	9,26	11,24	2,65	9,53	1,92	2,75	5,23	-2,21
dez	0,63	9,95	9,95	-0,21	8,48	9,30	-0,01	5,22	5,22
jan/01	0,62	0,62	9,28	0,80	0,80	9,35	-	-	-

Fonte: BNDES e Gazeta Mercantil.

Notas:

(1) Taxa de final de período.

(2) Variação cambial da cesta de moedas do BNDES (UMBNDDES).

QUADRO DAS PREVISÕES ANUAIS (1)

INSTITUIÇÕES	PIB (1)								FBCF		NFSP (% PIB)				Exportações		Importações		B. Comercial		Saldo em C. Corrente	
	TOTAL		IND(2)		AGR		SERV		(% do PIB)		Primário		Nominal		(US\$ bilhões)		(US\$ bilhões)		(US\$ bilhões)		(US\$ bilhões)	
	2001	2002	2001	2002	2001	2002	2001	2002	2001	2002	2001	2002	2001	2002	2001	2002	2001	2002	2001	2002	2001	2002
BBV	4,0	4,0	5,4	5,6	6,2	5,8	2,9	2,8	19,8	20,2	3,1	2,8	-3,1	-2,8	60,7	67,0	60,5	64,6	0,2	2,4	-27,3	-26,7
Citibank	4,0	4,5	4,8	-	4,4	-	3,6	-	-	-	-3,0	-2,7	3,4	2,8	59,5	65,6	61,1	65,6	-1,7	0,0	-29,3	-29,8
Garantia	3,9	4,2	4,7	5,2	5,5	5,7	3,2	3,4	-	-	-3,2	-2,7	3,0	2,3	59,0	64,9	60,5	66,5	-1,5	-1,6	-28,2	-30,1
JP Morgan	4,0	4,5	-	-	-	-	-	-	-	-	-2,5	-2,0	-	-	59,9	65,9	59,3	63,8	0,5	2,1	-26,6	-25,5
LCA	3,9	3,8	4,4	4,3	5,0	5,5	3,5	3,3	-	-	-3,0	-3,0	3,6	3,1	59,9	66,1	59,4	62,9	0,5	3,2	-25,8	-26,5
Macrométrica	4,8	4,0	7,2	5,6	3,7	2,5	3,5	3,3	20,5	-	-3,0	-2,6	4,1	4,4	56,8	61,1	56,4	60,4	0,4	0,6	-23,1	-23,9
MCM Consultores	4,0	4,2	4,3	4,7	5,2	2,5	3,7	4,2	20,4	21,2	-3,0	-	3,0	-	59,7	65,7	61,3	66,2	-1,6	-0,5	-27,8	-29,8
Rosenberg	4,2	4,1	4,9	5,2	5,9	4,3	3,5	3,3	-	-	-3,0	-2,8	3,4	2,8	61,0	67,1	60,0	64,3	1,0	2,8	-24,6	-23,5
Tendências	3,9	-	3,5	-	6,0	-	3,5	-	20,2	-	-3,0	-	2,8	-	56,5	-	57,5	-	-1,0	-	-25,1	-
MÉDIA	4,1	4,2	4,9	5,1	5,2	4,4	3,4	3,4	20,2	20,8	-2,3	-1,9	2,5	2,1	59,2	65,4	59,6	64,3	-0,4	1,1	-26,4	-27,0
DESVIO PADRÃO	0,26	0,23	1,02	0,47	0,81	1,41	0,23	0,41	0,26	0,43	1,91	1,92	2,16	2,29	1,49	1,78	1,56	1,85	1,02	1,63	1,85	2,49

Notas:

(1) Variação percentual.

(2) Exclusive Construção Civil e Serviços de Utilidade Pública.

INFLAÇÃO - QUADRO DAS PREVISÕES

INSTITUIÇÕES	IPC-FIPE				IGP-M			
	fev	mar	abr	2001	fev	mar	abr	2001
BBV	0,30	0,20	-	4,30	0,20	0,20	0,10	5,30
Citibank	0,20	0,20	-	4,00	0,18	0,05	-	5,00
Garantia	0,30	0,30	0,40	3,90	0,40	0,30	0,70	4,85
JP Morgan	0,20	0,20	0,60	3,50	-	-	-	-
LCA	-	-	-	4,00	-	-	-	-
Macrométrica	0,35	-0,04	0,41	4,47	0,33	0,19	0,13	4,74
MCM Consultores	0,10	0,25	0,00	3,80	0,15	0,10	0,10	5,20
Rosenberg	0,30	0,20	0,20	4,40	0,30	0,20	0,20	4,60
Tendências	0,00	0,20	0,40	2,90	0,10	0,40	0,30	6,60
Média	0,22	0,19	0,34	3,92	0,24	0,21	0,26	5,18
Desvio Padrão	0,12	0,10	0,21	0,49	0,11	0,12	0,23	0,67

ÍNDICES ECONÔMICOS

mês	Taxa de variação dos preços(%)						Taxa Referencial de juros (%)	Taxa de Câmbio-venda SP R\$/US\$		
	IPCA	IPC (FIPÉ)	IGP-M (FGV)	IGP-DI (FGV)	IPA-DI (FGV)	IPA Ind (FGV)		Comercial Média	Comercial (1)	Paralelo (1)
jan/99	0,70	0,50	0,84	1,15	1,58	1,82	0,52	1,50	1,98	2,00
fevereiro	1,05	1,41	3,61	4,44	6,99	5,97	0,83	1,91	2,06	1,98
março	1,10	0,56	2,83	1,98	2,84	3,11	1,16	1,90	1,72	1,78
abril	0,56	0,47	0,71	0,03	-0,34	1,11	0,61	1,69	1,66	1,72
maio	0,30	-0,37	-0,29	-0,34	-0,82	0,71	0,58	1,68	1,72	1,73
junho	0,19	-0,08	0,36	1,02	1,35	0,89	0,31	1,77	1,77	1,82
julho	1,09	1,09	1,55	1,59	2,03	2,26	0,29	1,82	1,79	1,86
agosto	0,56	0,74	1,56	1,45	2,15	2,15	0,29	1,88	1,92	1,98
setembro	0,31	0,91	1,45	1,47	2,30	2,06	0,27	1,90	1,92	1,98
outubro	1,19	1,13	1,70	1,89	2,58	2,15	0,23	1,97	1,95	2,02
novembro	0,95	1,48	2,39	2,53	3,59	2,10	0,20	1,93	1,92	2,02
dezembro	0,60	0,49	1,81	1,23	1,60	0,97	0,30	1,85	1,79	1,95
Acum. Ano	8,94	8,64	20,10	19,99	28,88	28,32	5,74	-	-	-
jan/00	0,62	0,57	1,24	1,02	1,02	0,98	0,21	1,80	1,80	1,95
fevereiro	0,13	-0,23	0,35	0,19	0,17	0,74	0,23	1,78	1,77	1,88
março	0,22	0,23	0,15	0,18	-0,05	0,60	0,22	1,74	1,75	1,88
abril	0,42	0,09	0,23	0,13	-0,02	0,32	0,13	1,77	1,81	1,87
maio	0,01	0,03	0,31	0,67	0,69	0,72	0,25	1,83	1,83	1,92
junho	0,23	0,18	0,85	0,93	1,45	0,64	0,21	1,81	1,80	1,93
julho	1,61	1,40	1,57	2,26	2,79	2,48	0,12	1,80	1,77	1,93
agosto	1,31	1,55	2,39	1,82	2,56	1,70	0,20	1,81	1,82	1,94
setembro	0,23	0,27	1,16	0,69	1,09	0,67	0,10	1,84	1,84	1,99
outubro	0,14	0,01	0,38	0,37	0,56	0,45	0,13	1,88	1,91	2,02
novembro	0,32	-0,05	0,29	0,39	0,38	0,57	0,12	1,95	1,96	2,07
dezembro	0,59	0,26	0,63	0,76	0,85	1,15	0,10	1,96	1,96	2,18
Acum. Ano	5,97	4,38	9,95	9,80	12,06	11,57	2,07	-	-	-
jan/01	-	-	0,62	-	-	-	0,14	1,95	1,97	2,14
Acum. Ano	-	-	0,62	-	-	-	0,14	-	-	-

Fonte: Gazeta Mercantil.

Nota: (1) Cotação de final de período.

REMUNERAÇÃO REAL DOS ATIVOS FINANCEIROS (%) (1)

Mês	Bolsa SP	Poupança	Over	Ouro-Spot	Paralelo	Comercial	CDB
jan/00	-5,28	-0,51	0,22	-2,40	-1,22	-0,48	-0,03
fev	7,38	0,38	1,10	1,03	-3,93	-2,22	0,85
mar	0,75	0,57	1,30	-5,37	-0,15	-1,35	0,87
abr	-13,01	0,40	1,06	5,09	-0,76	3,16	0,82
mai	-4,03	0,44	1,19	0,59	2,36	0,79	0,86
jun	10,90	-0,14	0,53	2,96	-0,33	-2,29	0,20
jul	-3,16	-0,93	-0,26	-3,11	-1,55	-2,93	-0,47
ago	2,96	-1,64	-0,96	-1,32	-1,82	0,34	-1,34
set	-9,23	-0,55	0,07	-1,14	1,40	-0,04	-0,23
out	-7,02	0,25	0,90	-1,24	1,12	3,15	0,58
nov	-10,88	0,33	0,93	2,18	2,18	2,36	0,66
dez	14,12	-0,03	0,56	-0,52	4,65	-0,84	0,34
Acum. no ano	-18,80	-1,45	6,82	-3,63	1,67	-0,59	3,13
jan/01	15,10	0,02	0,64	-2,85	-2,44	0,18	0,38
Acum. no ano	15,10	0,02	0,64	-2,85	-2,44	0,18	0,38

Fonte: Gazeta Mercantil.

Nota: (1) Deflacionados pelo IGP-M.

CUSTO DO CRÉDITO (1)

Mês	TJLP	LIBOR(2) (6 meses)	Capital de Giro pré-fixado(2)	Res. 63(3)	Desconto de duplicatas(4)	Export notes(3)	ACC(3)	Repasse do BNDES(5)	
								BNDES/FINAME automáticos	FINAME agrícola
jan99	12,84	4,91	75,22	20,32	5,68	11,98	11,74	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
fev	-	5,06	81,82	53,87	6,08	14,83	12,56	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
mar	-	5,06	75,71	25,50	5,77	13,00	12,85	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
abr	13,48	5,04	74,19	18,81	5,67	15,92	11,34	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
mai	-	5,25	65,15	17,12	5,09	16,78	10,99	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
jun	-	5,62	60,48	15,22	4,63	13,00	10,58	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
jul	14,05	5,71	57,90	13,16	4,36	11,56	10,70	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
ago	-	5,92	54,74	13,15	4,22	12,54	10,67	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
set	-	5,93	54,10	12,99	4,11	17,49	10,73	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
out	12,50	6,12	50,04	12,74	3,84	14,78	10,73	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
nov	-	6,06	49,85	12,77	3,91	14,70	9,99	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
dez	-	6,13	49,81	12,76	3,79	14,71	10,06	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
jan00	12,00	6,17	49,07	11,93	3,84	15,72	10,05	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
fev	-	6,29	46,32	13,02	3,61	14,31	10,30	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
mar	-	6,53	46,73	11,56	3,68	9,18	9,82	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
abr	11,00	6,51	43,43	11,66	3,52	8,87	9,61	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
mai	-	6,98	43,64	11,77	3,58	9,85	9,60	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
jun	-	6,92	34,39	11,78	3,25	10,17	10,44	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
jul	10,25	6,87	33,07	9,59	3,10	9,97	10,05	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
ago	-	6,83	35,99	10,04	3,41	9,07	8,99	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
set	-	6,70	30,42	9,32	2,92	9,01	9,23	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
out	9,75	6,67	32,24	12,08	3,12	10,81	9,14	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
nov	-	6,64	30,91	10,09	2,94	9,36	9,36	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
dez	-	6,31	30,73	10,47	2,97	11,74	8,98	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
jan01(6)	9,25	5,46	29,78	8,97	2,80	10,63	8,20	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5

Fonte: Banco Central.

Notas: (1) Capital de giro, Res. 63, Desconto de duplicatas, Export notes e ACC, calculados a partir de dados do SISBACEN. (2) % ao ano. (3) % ao ano mais correção cambial. (4) Taxa antecipada - % ao mês (média mensal). (5) % ao ano + TJLP. A partir de agosto de 1997: % ao ano + TJLP + spread de risco do agente financeiro. (6) Capital de giro, Res.63, export notes, ACC e desconto de duplicatas: valores referentes a 16/01/01.